

OS CONTOS DE FADAS E SEU USO COMO FERRAMENTA PSICOTERÁPICA

The Fairy tales and their use as a psychotherapeutic tool

Ana Paula Peroni¹

1. Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes). Professora da FARESE.
E-mail: anapaulaperoni@gmail.com

Faculdade da Região Serrana - FARESE
Rua Jequitibá, 121 – Centro
Santa Maria de Jetibá – ES – Brasil – CEP 29645-000

OS CONTOS DE FADAS E SEU USO COMO FERRAMENTA PSICOTERÁPICA

The Fairy tales and their use as a psychotherapeutic tool

RESUMO

O presente artigo tem por objeto de estudo os contos de fadas como histórias transmitidas oralmente de geração em geração, e que apesar de toda a atual tecnologia existente, mantêm seu espaço de destaque no universo infantil. Os contos de fadas são caracterizados de forma geral, por um cenário de magia e encantamento com um núcleo problemático existencial no qual o herói ou a heroína busca sua realização pessoal através do enfrentamento de obstáculos. Sendo assim, por meio deste estudo, pretende-se compreender a importância destas histórias na expressão de sentimentos, fantasias e conflitos, bem como reconhecer o potencial dos contos de fada como ferramenta simbólica no processo psicoterápico, a partir do referencial teórico psicanalítico. O método adotado neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, tomando como referencial os trabalhos de: Gutfreind, Bettelheim, Hisada, Radino e Corso & Corso. Através deste estudo foi possível identificar a grande contribuição dos contos de fadas no acesso ao inconsciente infantil, se apresentando como uma valiosa ferramenta psicoterápica.

Palavras-chave: contos de fadas; inconsciente infantil; ferramenta psicoterápica.

ABSTRACT

The object of this article is to study fairy tales as orally transmitted stories generation by generation, and despite all existing technology, maintain its prominent space in the children's universe. Fairy tales are generally characterized by a setting of magic and enchantment with a core existential problem no hero or heroine qualifier seeks its fulfillment staff by addressing obstacles. Therefore, through this study, we intend to understand the importance of these stories in the expression of feelings, fantasies and conflicts, as well as recognize the potential of fairy tales as a symbolic tool in the psychoanalytical theoretical framework. The adopted method in this study was a bibliographical research, taking as reference the works of: Gutfreind, Bettelheim, Hisada, Radino and Corso & Corso. Through this study it was possible to identify a fairy tale's great contribution to accessing the childhood unconscious, valuable psychotherapeutic tool.

Keywords: fairy tales; child unconscious; psychotherapeutic tool.

INTRODUÇÃO

O ato de ouvir e contar histórias sempre esteve presente em nossas vidas. Desde a mais tenra idade temos a necessidade humana de compartilhar nossas vivências, sentimentos, pensamentos e experiências. A partir desta necessidade, surgem os textos literários e dentre estes, os contos de fadas, os quais sempre ocuparam um lugar importante em nossa cultura.

Segundo o antropólogo Jamie Tehrani, da Universidade de Durham, alguns desses contos são muitos mais antigos do que os primeiros registros literários, e até mais do que a mitologia clássica (BBC NEWS, 2016).

Os estudos de Tehrani, publicados na revista científica *Royal Society Open Science*, os quais utilizaram a análise filogenética e a análise da árvore de línguas indo-europeias para rastrear a origem de contos compartilhados por diferentes culturas, indicaram por exemplo, que o conto “João e o Pé de Feijão” teve a origem identificada no período da divisão Leste-Oeste das línguas da família indo-europeia, há mais de 5 mil anos. A análise também mostrou que “*A Bela e a Fera*” têm cerca de 4 mil anos de idade.

Os contos de fada, a princípio, não eram destinados às crianças, uma vez que as histórias eram permeadas com cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes e outros componentes do imaginário dos adultos.

A partir do momento em que os contos de fadas passaram a fazer parte do universo infantil, foram necessárias algumas adaptações no sentido de contemplarem as necessidades das crianças, bem como de sua vida imaginária. Os contos se configuravam como um recurso para a fantasia infantil e permitiam a perpetuação de histórias de origem popular, construídas com base na cultura do povo.

Sob a ótica da psicanálise, os contos de fadas são vistos como metáforas de processos psíquicos inconscientes, vivenciados pelas crianças, podendo assim: ajudar a transmitir valores, estimular e promover diversos aspectos do desenvolvimento infantil através da elaboração dos conflitos, favorecer a estruturação da personalidade, modificar desejos e angústias, tornando-os compreensíveis (BETTELHEIM, 2002).

A partir da escolha do objeto de estudo, este trabalho visa compreender a importância dos

contos de fadas na expressão de sentimentos, fantasias e conflitos, bem como reconhecer seu potencial como ferramenta simbólica no processo psicoterápico, a partir do referencial teórico psicanalítico.

Os contos de fadas expõem a criança às situações que provocam desejos, curiosidades e medos. Isso possibilita a ela a participação de problemas vinculados a realidade, juntamente com a formação de conceitos. Por isso, torna-se fundamental auxiliar à criança neste processo de direcionamento, dando sentido coerente aos seus sentimentos, vivências, ideias e valores.

Corso (2006, p.303) afirma que as histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual se tem o instrumento certo para a operação necessária. Deste modo, pode-se perceber o quanto a flexibilidade das narrativas dos contos de fada pode atingir adequadamente à diferentes situações, influenciando e contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança.

Dentro deste contexto, este estudo sustenta a hipótese de que os contos de fadas, em sua maioria, se apresentam como uma importante ferramenta simbólica no processo psicoterápico, podendo ser utilizada com as crianças, e em alguns casos, até mesmo com os adultos. A esse respeito, Gutfreind (2003) afirma que os contos de fadas, desde a sua origem, já exerceriam função terapêutica, fato que explicaria sua permanência e transmissão entre as gerações ao longo dos séculos.

O presente trabalho utiliza o referencial da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa devido ao interesse em aprofundar os estudos teóricos a respeito do tema. Inicialmente, será apresentado, a origem dos contos de fadas e a trajetória dos mesmos até a atualidade. E num segundo momento, serão apresentados os principais autores em psicanálise que consideram os contos de fadas como instrumentos psicoterapêuticos.

METODOLOGIA

Neste estudo utilizou-se como estratégia metodológica a pesquisa bibliográfica, no intuito

de possibilitar o acesso aos estudos e pesquisas já produzidos a respeito do tema.

A pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Busca também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (MARTINS, 2001).

A busca de artigos e dissertações foi realizada nas bases eletrônicas Scholar Google, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Portal de Periódicos da Capes, a partir dos descritores: contos de fadas, psicanálise, aplicabilidade terapêutica e ferramenta psicoterápica.

A seleção foi realizada a partir da leitura criteriosa dos artigos, teses e dissertações encontradas na base de dados, sendo selecionada apenas a literatura que atendia aos critérios de inclusão definidos neste artigo.

Após a seleção e leitura de todo material, as informações foram compiladas de forma que permitissem o levantamento do referencial teórico, bem como a compreensão e ampliação do tema pesquisado.

RESULTADOS

A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas são narrativas antigas da história da humanidade que foram transmitidas oralmente de geração em geração. Inicialmente não se destinavam às crianças e eram relatados por narradores profissionais, os quais herdavam essa função dos antepassados.

Em geral, as narrações ocorriam em campos de lavouras, reuniões sociais, nas salas de fiar, casas de chá, nas aldeias ou nos demais espaços em que os adultos se reuniam (RADINO, 2001, 2003).

Com o passar do tempo, os contos sofreram algumas mudanças e ganharam novos desfechos, além disso, passaram a direcionar-se prioritariamente para o público infantil, traduzindo as emoções, sentimentos, e condições existenciais da infância, numa linguagem simbólica.

A origem dos contos de fadas não é uma unanimidade na literatura. Segundo Coelho (2012) os contos de fadas são de origem celta, e inicialmente apareceram como poemas. A primeira coletânea de contos infantis foi publicada do século XVII, na França, durante o reinado de Luís XIV.

De acordo com Hisada (1998) a origem dos contos de fadas pode ser encontrada nos escritos de Platão, no qual as mulheres mais velhas contavam as suas histórias simbólicas, voltadas para a educação de crianças. A autora ainda cita o livro “Metamorfoses” ou “O Asno de Ouro” escrito por Lucio Apuleio, (século II d.C.) e também faz referência aos contos encontrados no Egito, “O Conto de Dois Irmãos (ou Anupo e Bata)”.

Para melhor situar o leitor quanto ao conteúdo dos contos em destaque, será feita a seguir uma breve descrição do conto “O asno de ouro”, dada a sua relevância para o contexto deste artigo.

O livro “O asno de ouro” é narrado em primeira pessoa e conta a história de um jovem chamado Lúcio que viajou para a cidade de Hípada, localizada na Tessália, uma região da península grega, província romana no século III da nossa era.

Lúcio era um cidadão romano livre e rico que viajou a procura de conhecimentos relacionados à magia, muito praticada na cidade de Hípada, contudo, nesta viagem, Lúcio acaba sendo transformado em asno. Privado do dom da fala, ele passa a vivenciar várias aventuras, sendo até mesmo roubado por um bando de ladrões que o utilizaram para transportar os objetos que eles haviam roubado.

É em meio a essas peripécias que Lúcio ouve a história de “Eros e Psique”, contada por uma velha comparsa dos bandidos.

O mito de “Eros e Psique” aparece no conteúdo de vários contos de fadas como em: “A Bela e a Fera” e o “O Papagaio de Limo Verde”, e uma das hipóteses a respeito das origens dos contos de fadas é a de que eles sejam remanescentes modificados dos mitos. A palavra mito vem do grego *Mythus* e pode ser compreendida sob dois aspectos: como um estado de consciência do primitivo e como uma narrativa, cujo assunto está associado à mentalidade primitiva (VIANA, 2015).

Desta forma, utiliza-se o termo mito para nomear as narrativas primitivas que explicavam de maneira religiosa, poética ou mágica, aspectos relacionados a fenômenos inexplicáveis da natureza criados por um povo. Essas narrativas forneciam uma espécie de modelo para a conduta humana, por meio da preservação de um fato acontecido primitivo. Eliade (1972) traça um paralelo entre os mitos e os contos de fadas quando afirma que:

Embora os protagonistas dos mitos sejam geralmente deuses e entes sobrenaturais, enquanto os dos contos são heróis ou animais miraculosos, todos esses personagens têm uma característica em comum: eles não pertencem ao mundo cotidiano (ELIADE, 1972, p.22).

Bettelheim (2002) aborda as diferenças entre os contos de fadas e os mitos, ressaltando que ainda que inicialmente ambos representem as experiências de determinadas sociedades, eles diferenciam-se entre si por suas características próprias. O mito é majestoso, transmite força espiritual mediante da figura divina e heroica. O conto de fadas é apresentado de uma maneira simplificada e despretensiosa, há uma esperança para o futuro e a promessa de um final feliz.

É interessante destacar que nos contos de fadas nem sempre se faz presente a figura das fadas, a esse respeito Corso & Corso (2006) cita o estruturalista dos contos populares, Vladimir Propp, que visando identificar seus elementos narrativos, denominou então os contos como “Contos Maravilhosos” pela presença de um elemento mágico nessas histórias. As fadas não necessariamente estão presentes, mas sim algum elemento extraordinário, surpreendente e encantador (ARAÚJO, 2011).

Os contos de fadas no formato como são atualmente conhecidos, surgiram na Europa, em especial na França e na Alemanha, no final do século XVII e XVIII (SCHNEIDER, 2009). Entre os precursores na coleta dessas narrativas populares, encontra-se Charles Perrault.

Esse autor registrava as histórias com base em narrações populares, adaptando-as conforme a necessidade da corte francesa da época, tendo o cuidado de censurar detalhes da cultura pagã e da sexualidade humana.

No Brasil, os contos de fadas surgiram no final do século XIX sob o nome de Contos da Carochinha. De acordo com Radino (2003) o termo “carochinha” significava carocha ou bruxa, concedendo, dessa forma, uma conotação nociva de mentira a essas narrativas.

No final do século XX esses contos da carochinha foram denominados de contos de fadas, com destaque para as produções de Monteiro Lobato.

OS CONTOS DE FADAS E SEUS PRINCIPAIS AUTORES

Diversos autores estiverem envolvidos na adaptação dos contos de fadas para o universo infantil, uma vez que inicialmente os contos eram criados para adultos. Como já mencionado anteriormente, um dos primeiros a recolher os contos e adaptá-los ao público infantil foi Charles Perrault.

Sua obra mais famosa, intitulada “Histórias ou contos do tempo passado: com moralidade”, também conhecida por “Contos da Mamãe Gansa”, foi publicada em 1697 e apresenta narrativas conhecidas no mundo inteiro como: “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida do Bosque”, “O Barba Azul”, “Gato de Botas”, “As Fadas”, “Cinderela” ou Gata Borralheira”, “Rapunzel” e “O Pequeno Polegar”. Em uma segunda edição Perrault acrescenta: “Pele de Asno”, “Crisélidis” e “Desejos Ridículos”.

Os contos de Perrault retratam narrativas que por vezes fogem aos padrões de comportamentos impostos pelas instituições religiosas e burguesas da época. Em seus contos é possível presenciar o jogo de sedução previsto entre o lobo e a menina em “Chapeuzinho Vermelho”, o casamento entre ricos e pobres em “Rapunzel” e a possibilidade de aceitação e afeto entre seres humanos e "criaturas" que aparentemente causam repulsa em "A Bela e a Fera".

É interessante também observar, que em alguns contos de fadas como: “Cinderela”, “A Bela Adormecida” e “Branca de Neve”, verifica-se a presença de determinados estereótipos como a princesa linda e indefesa que só poderá ser feliz quando seu príncipe lindo e corajoso vir salvá-la. Essa construção de estereótipos poder ser prejudicial ao desenvolvimento de uma criança.

Contudo, é preciso salientar que esses contos, foram construídos com base na cultura de um povo em determinada época. Hoje, a sociedade não reflete a mesma realidade da época em que esses contos se originaram, e por isso, muitas das histórias atuais, contadas as crianças trazem personagens que fogem de estereótipos.

Um exemplo disso, é o livro “Pretinha de Neve e os sete gigantes” de Rubem Filho, que

faz uma releitura da fórmula antiga dos contos de fadas, trazendo elementos que valorizam a cultura africana e a reflexão sobre solidão e coragem.

Inúmeros contos também foram registrados por Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, mais conhecidos como os Irmãos Grimm. Além de filósofos e grandes folcloristas, foram estudiosos da mitologia germânica e da história do Direito alemão. Os contos publicados pelos irmãos Grimm são povoados por madrastas malvadas, príncipes encantados, casas de chocolate, bruxas perversas, feras, entre outros personagens.

Entre seus contos destacam-se: “A Bela e a Fera”, “Os Músicos de Bremen”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, “A guardadora de gansos”, “Joãozinho e Maria”, “Os sete corvos”, “As três fiandeiras” e “O príncipe Sapo”.

Considerado por muitos, como o pai da literatura infantil, Hans Christian Andersen, destacou-se por escrever seus contos diretamente para as crianças. Diferente dos demais autores da época, que adaptavam as histórias à realidade infantil (VIANA, 2015).

Andersen escreveu aproximadamente 168 contos e viveu no ápice do período do Romantismo e, por isso seus contos são marcados pela influência dos preceitos românticos como emotividade exacerbada, permeada de amores idealizados e decepções amorosas.

Atualmente, tem se discutido sobre a influência negativa desses preceitos românticos, ou seja, o chamado “Mito do Amor Romântico”, incutido nas crianças através das mensagens dos contos de fadas. Tais mensagens podem levar a construção da criança de um amor extremamente idealizado, o que é visto como patológico, afinal, há uma negação da realidade e dificuldade em enxergar o outro como um ser com qualidades e defeitos.

Por isso, ressalta-se a importância de acompanhar à criança, ajudando-a no direcionamento de seus sentimentos, interpretações e formulações de conceitos e valores.

Nas obras de Andersen a criança é retratada por meio dos personagens, os brinquedos ganham vida e as histórias tem o papel principal ocupado por crianças. Seus contos, como o “Soldadinho de Chumbo”, trazem a animação de objetos como os brinquedos, caracterizando a impotência dos pequenos, cheios de desejos, porém, muitas vezes não

escutados e incompreendidos. Ao longo de sua obra, é possível perceber os valores morais embutidos nas narrativas, assim como a ausência de jargões como “e foram felizes para sempre”.

Entre os principais contos de Anderson estão: “O patinho feio”, “Soldadinho de chumbo”, “A pequena vendedora de fósforos”, “Os sapatinhos vermelhos”, “A roupa nova do imperador” e “Os cisnes selvagens”.

Em suas histórias, Andersen sugeria às crianças padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que se organizava naquele momento, sendo possível encontrar diversos valores ideológicos ao longo de seus contos de fadas. Em “A pequena vendedora de fósforos” e “O Patinho Feio” observa-se a valorização dos indivíduos por suas qualidades próprias e não por atributos sociais ou privilégios.

Dentre outros autores, podemos destacar: Lewis Carroll, autor de “Alice no País das Maravilhas” e “Do Outro Lado do Espelho”, e de Carlo Collodi, temos “Pinocchio”.

OS CONTOS DE FADAS NA PSICANÁLISE

A psicanálise sempre procurou meios de acessar o inconsciente, seja através da associação livre, dos sonhos ou dos sintomas. Ao longo da obra freudiana e através dos estudos pós-freudianos, a psicanálise passou a dar enfoque nos elementos pertencentes à cultura, como a origem e os significados dos mitos, das lendas e principalmente, dos contos de fadas.

As análises feitas por Freud ou seus seguidores, aplicaram-se não a interpretar a matéria narrativa dos contos de fadas, mas à possível influência de sua simbologia ou memória nos pacientes psiquicamente perturbados (COELHO, 2012).

Uma vez que os contos de fadas são criações coletivas, não houve interesse por parte dos freudianos, como campo de pesquisa, pois a estes só o individual interessa. Por isso a maior repercussão das análises de natureza psíquica se deu na linha junguiana que se interessa pelo psiquismo coletivo.

Segundo Gutfreind (2003) foi com a Psicanálise que os contos de fadas passaram a ser estudados cientificamente. Ainda segundo este autor, através das contribuições da teoria

freudiana, os contos revelam conteúdos manifestos do psiquismo humano. Bettelheim (2002), afirma que, de forma semelhante aos sonhos, nos contos de fadas haveria uma ligação entre a vida acordada (consciente) e o conteúdo onírico (inconsciente), partindo assim, ambos para um caminho rumo ao inconsciente.

De acordo com Hisada (1998), Freud analisou um sonho fazendo uso do conto “O Pequeno Alfaiate”, de autoria dos irmãos Grimm, e pode perceber que os contos de fadas eram muito similares aos dilemas humanos.

Freud também fez algumas analogias a certas passagens dos contos de fadas: Peter Pan e a “terra do nunca” com a atemporalidade pertencente ao inconsciente; e em “O Chapeuzinho Vermelho”, ele compara a figura do lobo mau com a figura paterna.

Em 1910, Freud publicou análises sobre a possível influência da leitura dos contos de fadas na psique dos leitores: “A ocorrência nos sonhos de assuntos de contos de fadas” e “O tema dos três cofres”. Posteriormente os contos “Chapeuzinho Vermelho” e “O Lobo e as sete criancinhas” também foram analisados por Freud no estudo “História de uma neurose infantil” (VIANA, 2015).

Freud não se utilizou do conto de fadas como instrumento terapêutico assim como fazem alguns autores na contemporaneidade. Entre estes autores podemos citar: Gutfreind, Corso & Corso e Radino que em geral, baseiam-se na obra de Bettelheim.

Entretanto, foi a partir de Freud que muitos outros psicanalistas passaram a interpretar os contos de fadas, sendo possível dividi-los em dois grupos: o grupo dos pós-freudianos, cujas pesquisas salientam a importância dos contos de fadas no universo psíquico infantil, e o grupo dos junguianos, que surge a partir das contribuições do analista Carl Gustav Jung.

Os pesquisadores freudianos e junguianos acreditam que os contos de fadas tenham tanta abertura com as crianças pelo fato de que simbolicamente essas narrativas permitem que a criança faça a mesma trajetória empreendida pelos heróis e, por meio dela resolvam conflitos internos inconscientes.

Dentre os estudiosos do grupo dos pós-freudianos, destaca-se o psicanalista austríaco Bruno Bettelheim. Em sua obra “A Psicanálise dos Contos de Fada”, ele realizou uma

análise dos contos de fadas interpretando os seus significados.

A obra de Bruno Bettelheim foi à pedra fundamental da produção analítica sobre os contos de fadas, ensinando-nos os mecanismos de sua eficácia na vida das crianças. Podemos inclusive dizer que seu texto foi decisivo para a legitimação dos contos de fadas enquanto dignos de fazer parte da formação das crianças contemporâneas. Vivemos tempos muito psicológicos, nos quais há uma preocupação a priori com os efeitos de todo o estímulo que se oferece às crianças. Bettelheim elevou os contos de fadas ao estatuto de recomendáveis, o que certamente também contribuiu de alguma forma para sua sobrevivência e popularidade (CORSO & CORSO; 2006 p. 26).

Bettelheim apresentou as histórias exatamente como eram contadas em seus primeiros registros, com a presença da violência quase brutal e dos tabus, como o do incesto. Seguindo as ideias freudianas, afirmava que essa violência é inerente ao ser humano e, por isso, atrai a atenção das crianças. Isso explicaria, por exemplo, por que o lobo fascina tanto os pequenos (CHINALLI, 2017).

Muitos contadores de histórias suprimem determinadas passagens dos contos de fadas por acreditarem que a criança ainda não esteja preparada, e isso acaba prejudicando a compreensão da essência do conto. Pois a magia do conto está justamente na luta entre o bem e o mal, assim a criança percebe que ela pode resolver seu conflito, da mesma forma que os personagens da história; se o contador retira o mal, não existe esse duelo e assim a criança não vê possibilidade de vencer seus conflitos.

Segundo Chauí (1984) apud Schneider & Torossian (2009) quando o narrador modifica ou exclui as partes da história que ele acredita ser negativo para a idade da criança, na verdade ele teme ser classificado pela criança como o personagem mal.

No segundo grupo, o grupo dos junguianos, destaca-se a analista suíça Marie-Louise Von Franz que publicou vários trabalhos sobre o tema, entre eles a “Interpretação dos contos de fada”.

Para Von Franz os contos de fadas tiveram origem em algum fato local, são histórias arquetípicas que se originam nas experiências individuais, expressas em sonho ou alucinação, que quando compartilhada com o coletivo, se desenvolve e se completa (VIANA, 2015).

Pode-se então dizer que quando uma história está enraizada apenas em uma região, trata-se de uma narrativa local, mas quando esta adquire características abstratas e

consegue migrar de um país para outro, pode ser denominada de conto de fada.

Segundo Jung (1976) apud Costa (2003) nos mitos e nas lendas, obtêm-se as estruturas básicas da psique humana, através da grande quantidade de material cultural ali depositado. Nas lendas, o herói da história é o próprio indivíduo, cujos sentimentos e reações são relatados, ao passo que nos contos de fadas, o herói abstrato é estereotipado.

É interessante observar que nas sociedades primitivas, as lendas locais se ampliam, uma vez que não se guarda segredo de nada, isso faz com que as lendas locais sejam constantemente completadas, gerando invasões do inconsciente coletivo no campo de um único indivíduo. Já com os contos de fada:

Assim como com os sonhos, podemos interpretar seu conteúdo em termos subjetivos, em que todos os símbolos retratam aspectos da psique de uma única pessoa, mas também podemos compreendê-los em termos objetivos, na medida em que estejam associados a condições e relações do mundo exterior. (JUNG, 1976, apud COSTA, 2003, p.44).

Observa-se então que a real função dos contos de fadas é permitir esse acesso aos conteúdos inconscientes, seja da criança ou mesmo do adulto. Segundo Bettelheim (2002) o impacto que os contos causam nos ouvintes só é possível devido ao fato destes contos terem a capacidade de distrair e esclarecer as angústias e de uma forma inconsciente.

No mesmo sentido Caldin (2004), nos afirma que o conto favorece a introspecção, pois, por intermédio dele, a criança tem a possibilidade de pensar sobre seus sentimentos e ter a esperança de que o sofrimento que a acomete venha a ser passageiro. Os contos são fonte de prazer para as crianças tanto pelo ouvir quanto pela sua representação, e prazer produz alegria, e esta traz um resultado terapêutico.

OS CONTOS DE FADAS E SUA FUNÇÃO TERAPÊUTICA

Os contos de fadas despertam interesse nas crianças e oferecem a elas um suporte para que decifrem seus próprios dilemas por meio da identificação com os personagens e os conflitos vividos por estes.

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o

momento catártico, em que a identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento (AMARILHA, 2004, p. 18).

No que se refere às identificações com os personagens, Bettelheim (2002) afirma que a criança nem sempre se identifica com o herói por suas qualidades positivas ou com os vilões pelos seus atos maldosos. Ainda segundo este mesmo autor, não se pode dizer que um determinado conto de fadas se destina a um tipo específico de criança ou mesmo uma idade adequada. Somente o ouvinte poderá determinar como reage emocionalmente, como subjetiva aos problemas apresentados, como faz suas identificações e enfrentamentos constituindo uma oportunidade de sentir que ele, por conta própria, por meio de repetidas audições e rumações acerca da história, alcançou êxito numa situação difícil.

Segundo Corso & Corso (2006, p.28) as crianças fazem uso dos contos de fada para: “elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo”.

Neste sentido, no momento que a criança vivencia algum conflito e tem contato com um conto de fadas no qual os personagens vivenciam conflitos semelhantes ao seu, ela se identifica com aquele personagem, e passa a vivê-lo como se fosse ela mesma enfrentando os dilemas da história; desta forma, a criança pode se estruturar psiquicamente para resolver seus próprios conflitos.

Hisada (1998) ressalta a aplicabilidade terapêutica dos contos, bem como sua importância na estruturação da personalidade. No mesmo sentido, Radino afirma que o conto de fadas é: um “[...] importante instrumento para auxiliar a criança a lidar com a ansiedade e suportar obstáculos, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade” (2003, p. 22).

O psicanalista Gutfreind (2003) também se refere ao efeito terapêutico dos contos de fadas, uma vez que oferecem a possibilidade de a criança pensar os conflitos e desenvolver a capacidade para lidar com as angústias. Habitar o mundo de fantasias é uma forma de refletir, simbolizar, criar novas histórias e experienciar.

Bettelheim (2002) foi um dos precursores na sistematização dos contos de fadas como instrumento terapêutico, segundo este autor, por meio dos contos de fadas a criança pode trabalhar conteúdos inconscientes os quais, muitas vezes, não encontram vazão por meio da linguagem. O mesmo autor afirma ainda que os contos oferecem um sentido para as

vivências das crianças na medida em que trazem personagens que possibilitam uma identificação.

Monaci (1990) afirma a importância dos contos de fadas não só num sentido terapêutico, mas para a estimulação do repertório de soluções adaptativas de conflitos, de entendimento de sentimentos, de motivações, de solidariedade, de confiança, de transmissão de valores, da busca do autoconceito, na tentativa de estabelecer um significado de vida.

Hisada (1998) defende o uso da aplicabilidade terapêutica dos contos de fadas, não somente com crianças, mas também com adultos. Os contos podem operar como um recurso para diminuição da angústia persecutória, principalmente dos adultos, proporcionando uma maior aproximação de suas dificuldades, justamente porque as histórias fazem reviver aspectos mais primitivos a partir de um contexto lúdico, beneficiando aqueles adultos que não tiveram a experiência com o brincar e, por consequência, apresentam falhas em seu desenvolvimento.

Bruni (2016) assim como Hisada (1998), ressalta a aplicabilidade dos contos de fadas como uma importante ferramenta simbólica no processo psicoterápico analítico. A partir disso, a autora, utilizando-se de uma pesquisa teórica faz, baseada nos conceitos de Carl Jung, uma reflexão da leitura simbólica do feminino nas mulheres contemporâneas, a partir do arquétipo anima/animus e dos contos de fadas.

Através de seus estudos, Bruni (2016) nos evidencia que na atualidade, as mulheres apresentam diversos novos papéis. Esses novos papéis muitas vezes, forçam as mulheres a integrar a masculinidade para que tais papéis sejam devidamente desempenhados.

Ainda segundo a autora, esta integração pode ser positiva, possibilitando a mulher seu verdadeiro despertar feminino, além da manutenção de suas conquistas e a abertura para novas possibilidades. Porém, este processo não é simples, nem comum à todas as mulheres. Para algumas mulheres, esta masculinidade torna-se capaz de sufocar o feminino, criando barreiras para que sua essência flua, gerando assim, conflitos internos e dificuldades que repercutem principalmente nos relacionamentos, sejam amorosos, afetivos ou profissionais.

Neste contexto, se faz necessário quebrar nessas mulheres, as barreiras criadas dentro desta condição, diluindo os entraves e permitindo a maturação das relações com os outros e consigo mesmas. Esta quebra não é fácil, uma vez que se trata de aspectos subjetivos difíceis de serem alcançados, especialmente pela potencialidade da rigidez e racionalidade características nas mulheres com estes conflitos ativados.

Um dos melhores meios para se penetrar nestes aspectos, é através da linguagem simbólica, que permite quebrar barreiras e abrir possibilidade de integração interna, criando uma comunicação entre consciente e inconsciente. É uma das ferramentas simbólicas apontadas por Bruni (2016), é justamente os contos de fadas.

Hisada (1998) também faz um questionamento quanto à aplicabilidade desse recurso com pacientes que apresentam falhas em seu processo de simbolização. Nestas situações, caberia ao terapeuta, a partir do estabelecimento da transferência e da contratransferência, decidir se deve ou não usar os contos de fadas como uma ferramenta terapêutica.

A literatura sustenta a aplicabilidade terapêutica dos contos de fadas com crianças, tanto para diagnóstico quanto para o tratamento, utilizando-os como uma forma de expressão e simbolização do sofrimento (Bettelheim, 2002; Corso & Corso, 2006; Gutfreind, 2003; Hisada, 1998; Radino, 2003).

A utilização dos contos de fadas como uma ferramenta terapêutica é bastante remota, sendo encontrados relatos de sua utilização em algumas comunidades hindus, como alternativa terapêutica para indivíduos que apresentavam problemas mentais. O objetivo das narrativas era de tranquilizar os pacientes e estimulá-los à meditação.

Gutfreind (2004) apud Schneider (2009) ao experienciar a proposta do atelier de contos evidenciou melhoras nos transtornos de conduta apresentados pelas crianças francesas após frequentarem o atelier de contos.

Alguns estudos também têm apontado a importância da utilização dos contos de fadas em crianças com câncer. Costa (2002) descreve o uso dos contos de fadas como recurso terapêutico na intervenção de crianças com câncer, pelo fato dessas histórias falarem de dificuldades humanas e tornarem mais fácil a expressão das suas angústias.

Atualmente, já é possível encontrar alguns livros que trazem histórias infantis retratando personagens que vivenciam o câncer, dentre estes: “Histórias de Malu”, de Rosana Mont’Alverne e “Os cabelos de Crisálida”, de Emile Andrade.

Lezhava e Rtskhiladse (2006) apud Schneider (2009) relatam uma experiência que ocorreu em um hospital, na qual os contos de fadas foram usados como instrumento lúdico - educativo de informação, manejo e intervenção junto a um grupo de crianças que sofrem de asma brônquica. Afirmam que o uso dos contos facilitou a evolução do tratamento da doença, uma vez que, por intermédio deles, as crianças passaram a aceitar sua doença de uma forma melhor.

Gesteira et.al (2014) relatam os resultados alcançados com crianças hospitalizadas e suas famílias, ao ouvirem histórias infantis durante a execução de um projeto intitulado: “Contos infanto-juvenis: uma interface com a humanização do cuidado na hospitalização”. Os resultados obtidos evidenciaram que as crianças apresentam diferentes reações ao ouvir as histórias como mudança no humor, na postura corporal e facial.

Além disso, através do estudo realizado por estes autores pode-se notar que a família da criança hospitalizada valoriza a prática lúdica como um momento de alegria e entusiasmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na literatura consultada neste estudo bibliográfico, foi possível constatar que a utilização dos contos de fadas se apresenta como uma valiosa ferramenta psicoterápica, atuando como facilitadora de contato com símbolos que pertencem ao mundo no qual não se tem acesso direto e consciente.

O conto de fadas se mostra desta forma, como uma ponte de ligação para o inconsciente, despertando uma variedade de sentimentos que auxiliam a organização do pensamento e a mudança psíquica necessária para o enfrentamento de conflitos.

Além do potencial dos contos na solução dos conflitos, ressalta-se também, importância deles no que diz respeito ao fortalecimento de sentimentos de motivação e confiança, possibilitando trabalhar a imaginação, a subjetividade, a criatividade e a individualização

do sujeito.

Ainda conforme alguns autores, os contos podem ser utilizados tanto com as crianças como com os adultos, uma vez que as experiências infantis não trabalhadas na infância, comprometem o desenvolvimento psíquico na fase adulta . Essa situação torna difícil o processo de simbolização e mediante a utilização psicoterapêutica dos contos de fadas é possível superar esta dificuldade.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ARAÚJO, F. M. S. C.; AMARI, F. N.; OLIVEIRA, A. M. M. **A função os contos de fadas na constituição do sujeito psicanalítico**: uma análise a partir do conto de chapeuzinho vermelho. *Akrópolis Umuarama*, v. 19, n. 3, p. 187-202, jul./set. 2011.

BETTELHEIM, B. A. **Psicanálise dos Contos de Fadas**. Paz e Terra, 2002.

BRUNI, R.C.S. A importância dos contos de fadas como ferramenta psicoterápica no resgate do feminino em mulheres contemporâneas. PDF. **Revista online**: Psicologia.pt o Portal dos Psicólogos, 2016.

CALDIN, C. F. (2004). A aplicabilidade de textos literários para crianças. *Encontros Bibbi: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 18, 72-89, 2004.

CHINALLI, M. Bruno Bettelheim e a psicanálise dos contos de fadas. **Revista Educação: Formação Docente**, ed. 241, Ago. 2017. Disponível em: <
<http://www.revistaeducacao.com.br/bruno-bettelheim-e-psicanalise-dos-contos-de-fadas/>>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

COELHO, N.N. **Contos de fadas**. Símbolos – mitos – arquétipos. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

CONTOS de fada tem origem pré-histórica diz pesquisa. BBC News Brasil, 2016. Disponível em:
https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_contosfadas_origem_tg. Acesso em: 08 de abril de 2020.

CORSO, D. L. & CORSO, M. A infância invade o conto de fadas. **Cadernos da Appoa**, 134, 43-48. 2005.

_____. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, C. L. Câncer infantil: a realidade da doença na fantasia dos contos de fadas. **Acta Oncológica Brasileira**, 22(2), 292-294,2002.

COSTA, P. F. A. Os Contos de fadas: de narrativas populares a instrumento de intervenção. 2003. 72f. Dissertação (mestrado em letras) Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Minas Gerais, 2003.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GESTEIRA, E. C. R. et al. Contos infanto-juvenis: uma prática lúdica de humanização para crianças hospitalizadas. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 575 - 583, nov, 2014.

GUTFREIND, C. **O terapeuta e o lobo**: a utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HISADA, S. **A utilização de histórias no processo psicoterápico**: uma visão winnicottiana. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

MARTINS, G.A; PINTO, R.L. **Manual de elaboração para trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

MONACI, E. M. (1990). Mitos, contos, lendas e fábulas: fantasia versus realidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia**, 2 (2), 42-54.

RADINO, G. Oralidade, um estado de escritura. **Psicologia em Estudo**, 6 (2), 73-79, 2001.

_____. **Contos de fadas e a realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SCHNEIDER, R. E. F; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicol. Rev.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago., 2009.

VIANA, M. **Um estudo sobre a fábula e os contos de fadas**. 1ª. ed. São Paulo: Eureka, 2015.